

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM RELATO COM QUEBRAS DE PARADIGMAS E CONSTRUÇÕES DIDÁTICAS CONCEITUAIS NA FORMAÇÃO DE DOIS PROFESSORES

Tiago Lino Bello
UNESPAR – Campus Campo Mourão
tiago.bello.30@gmail.com

Cleilton Leandro da Silva¹
UNESPAR – Campus Campo Mourão
cleiltonleandro@gmail.com

Resumo:

As reflexões que este trabalho procura desenvolver estão limitadas entre informar e relatar, de modo conciso e objetivo, as experiências que o estágio supervisionado rendeu aos autores, auxiliando em sua formação profissional. Desde as informações teóricas estudadas no período de formação acadêmica até o aprendizado e lições que a experiência em sala de aula pode provocar, o estágio supervisionado permitiu aos autores perceberem a transitoriedade dos conceitos pedagógicos estudados durante o período acadêmico com a atividade docente no exercício da profissão, além da quebra de paradigmas psicossociais pelos autores.

Palavras-chave: Formação de professores; estágio supervisionado; relato de experiência;

1. Introdução

O estágio supervisionado previsto em lei e, portanto, presente nos cursos de licenciatura, vem ganhando espaço nas diversas discussões voltadas a formação inicial de professores. Seu caráter obrigatório sede lugar a sua grande importância na carreira do futuro professor, pois, por muitas vezes, representa o primeiro contato deste com a realidade da sala de aula, além de realizar o papel de ligação entre o conhecimento científico-didático-pedagógico da universidade e o ensino escolar, com todas as suas peculiaridades.

A experiência proporcionada pelo estágio supervisionado é de grande significância na vida do estudante, pois é o momento em que o aluno pode viver o que idealiza como professor, assumindo assim função decisiva na escolha profissional do acadêmico. Assim, observando a grande amplitude do tema em questão, escrevemos este relato com o objetivo de apresentar esta oportunidade única experimentada no período² de estágio em nossa graduação.

¹ Atribuímos este relato também ao professor Willian Bellini, docente da UNESPAR – Campus Campo Mourão, que infelizmente não pode colocar seu nome devido o mesmo ter atingido a quantidade máxima de submissões de trabalhos permitidos para o evento.

² O período de execução deste estágio supervisionado foi de um mês, dividido na seguinte carga horária: 5 horas de observações participativas na turma de regência e 20 horas de regência.

2. Estágio supervisionado e sua importância

O indivíduo que está se capacitando em determinada área, seja na engenharia, licenciatura, tecnologia, entre outras, chegará num certo momento de sua capacitação onde terá que aplicar o conhecimento adquirido neste período, desenvolvendo habilidades para exercer seu trabalho. Por exemplo, um médico necessita de uma socialização profissional para unificar sua bagagem de conhecimentos específicos, assim como um professor também precisa da vivência em sala de aula para adquirir artifícios para contornar determinadas situações didáticas.

Este período de introdução à socialização profissional e aprimoramento na carreira do indivíduo chamada de estágio supervisionado, muitas vezes sendo promovido por uma empresa ou instituição de ensino, tem por objetivo, como registrado pelo § 2º do art. 1º da Lei 11.788/2008, o “aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (BRASIL, 2008).

Segundo o art. 1 da Lei 11.788/2008, temos a definição de estágio como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

No âmbito do sistema educacional brasileiro, o estágio supervisionado vem demonstrando grande relevância no quesito formação profissional, em vista que o estagiário terá melhores condições de preparar os alunos para compreender os métodos científicos e tecnológicos para a utilização de seu bem estar comum, aliado com certo desenvolvimento, difusão e elaboração de mecanismos intelectuais para a expansão do patrimônio cultural a fim de condenar qualquer tratamento desigual, seja de qualquer vertente filosófica, religiosa ou política, como também de preconceitos raciais e sociais. Conforme registrado em Gaertner (2009), para tal tarefa o estágio supervisionado é necessário no currículo para todo curso de licenciatura e é exigido por lei, conforme a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.

Tratando-se de um curso de licenciatura, a compreensão de estágio vai muito além da preparação para o trabalho. Como diz o art. 4 do regulamento de estágio curricular do curso

de licenciatura em Matemática da UNESPAR - Campus Campo Mourão, o estágio curricular visa:

- I. Proporcionar ao acadêmico contato com a realidade educacional da Educação Básica, vivenciando situações que lhe permitam analisá-la, compreendê-la e posicionar-se diante dela;
- II. Desenvolver atividades para construir uma consistente base conceitual e cultivar a preocupação com o processo ensino/aprendizagem propiciando experiência efetiva da realidade escolar;
- III. Oportunizar condições para a compreensão da tarefa educativa como um ato político compromissado com a realidade;
- IV. Propiciar, numa dialética teórico-prática, a tradução do conteúdo ensinado na Faculdade para a Educação Básica, por meio de um pensamento essencialmente crítico;
- V. Desenvolver o espírito de investigação e atitude científica para a solução de problemas inerentes à profissão (FECILCAM, 2009).

Nesse sentido, o estágio pode ser compreendido como uma tentativa de suprir a necessidade de ligação entre teoria e prática. Uma “ponte” entre o conhecimento específico e a prática didática, que proporcione experiência pela qual o futuro professor possa desenvolver uma metodologia própria, com a reflexão de situações vivenciadas em sala de aula. De acordo com Fiorentini e Castro (2003), a prática de ensino encontrada no estágio supervisionado pode ser encarada como um momento especial da passagem do estagiário de educando para educador, pois esta transição envolverá tensões e conflitos entre o que se sabe e idealiza e o que pode ser efetivamente realizado.

Assim, a presença de estágio supervisionado em uma licenciatura se torna indispensável, pois uma formação inicial bem direcionada tende a desenvolver uma aptidão profissional e uma convicção sobre sua futura ação pedagógica, contribuindo para que o indivíduo amplie suas ideias, com maior responsabilidade social e política que a profissão impõe. Para isso, exigirá dos professores de licenciatura

[...] uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal que deve capacitá-lo a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações numa fundamentação válida (IMBERNÓN, 2002, p.60 apud MANRIQUE; LÜDKE, 2008, p.1).

Conforme Manrique e Lüdke (2008, p.3) descrevem, além das exigências que a profissão de professor exige tal qual a de conhecimentos culturais, políticos, econômicos, sociais e específicos, a formação inicial de docentes também deve contemplar conhecimentos no que se traduz ao discente, seja ele uma criança, adolescente ou adulto, pois estes alunos

serão moldados pelo futuro professor, partindo da sua área de graduação, para o desenvolvimento de um profissional capacitado, independente da atuação do estudante.

Entretanto, o período de estágio não garante por si só a construção de um bom professor. Este período disponibiliza a oportunidade da discussão, da observação, do diálogo com professores mais experientes, de um momento de prática com foco na aprendizagem, do desenvolvimento do futuro professor e principalmente na reflexão do ambiente escolar, já que sem esta reflexão “o professor mecaniza sua prática, cai na rotina, passando a trabalhar de forma repetitiva, reproduzindo o que está pronto e o que é mais acessível, fácil ou simples” (FIORENTINI e CASTRO, 2003).

Segundo Manrique e Lüdke (2008), é preciso uma profunda reflexão das crenças e práticas e, por isso, o trabalho realizado pelo professor na Educação Básica deve ser problematizado e discutido nos cursos de licenciatura. Com isso, surge a necessidade de ir além do estágio supervisionado, ou seja, surge o desejo de propor um conjunto de atividades desde o início do curso, com o intuito de ofertar ao aluno diversas experiências, pois “propiciar momentos de diálogo entre os contextos escolares e universitários pode permitir que os alunos constituam sua identidade docente nessa vivência reflexiva e investigativa na instituição escolar” (MANRIQUE; LÜDKE, 2008, p.6).

Portanto, a formação de um futuro professor envolve muito mais do que as disciplinas didáticas que constam na grade curricular. Para seguir esta profissão, o futuro docente deve possuir a consciência da inevitabilidade de se adaptar constantemente ao seu local de trabalho, fazendo com que o mesmo investigue e reflita sobre as situações que somente a sala de aula pode propiciar a fim de incrementar sua personalidade docente. Deve aprimorar suas percepções e capacidades para contornar determinados problemas, deixando claro que ser professor é muito mais do que adquirir uma bagagem de conhecimentos teóricos, pois para se tornar um professor é preciso estar inserido frequentemente na realidade escolar.

3. Estágio Supervisionado na visão dos autores³

Inicialmente, nós, os autores deste relato, não tínhamos as mesmas percepções quando nos matriculamos no curso de Matemática da UNESPAR em 2012. Enquanto um já se identificava com a ideia de estudar matemática muito antes de concluir o Ensino Médio, o

³ A partir desta etapa do texto, o texto será referido na primeira pessoa do plural.

outro sequer tinha como primeira escolha este curso e não sentia vontade de se tornar professor, mas sim engenheiro. Nossa justificativa para a escolha deste curso de graduação pode-se traduzir em nossos objetivos pessoais: entender melhor sobre os fascinantes mecanismos matemáticos, além de compreender determinados conceitos do cálculo, como integrais e derivadas, com suas devidas aplicações.

No decorrer do ano de 2013, nossas expectativas foram atendidas e até nos surpreendemos ao ver que a matemática ia além do que pensávamos. Porém, no transcorrer do período acadêmico, a opção pela matemática fez surgir a vontade de nos tornarmos professores. Queríamos mostrar como a matemática poderia ser tão interessante, encantar os alunos do mesmo modo que ficamos encantados durante nossa estadia no ensino fundamental e médio, proporcionar o prazer que sentíamos ao aprender um novo conceito, uma nova ideia. Levar o gosto pela matemática para sala de aula.

Ao entrarmos no ano de 2015 iniciamos a disciplina de Estágio Supervisionado I, disciplina esta que temíamos muito porque não tínhamos experiência em sala de aula e seria o nosso primeiro contato com a realidade escolar. Aos poucos fomos compreendendo os princípios da disciplina e começamos a projetar nosso caráter como professores, porém fora do ambiente escolar. Ouvíamos dos colegas de curso que já possuíam esta experiência que toda bagagem teórica sobre a educação se mostraria diferente na sala de aula, que não devíamos nos iludir com uma sala ideal.

Nunca nos iludimos com o que encontraríamos na escola quando fossemos estagiários. Mas foi inevitável a criação de uma barreira sobre como era estar numa sala de aula, afinal estudamos na rede pública de ensino e, portanto, já tínhamos uma ideia das situações que poderiam acontecer, sem contar nos relatos que nossos colegas de graduação nos passavam sobre como era o dia a dia escolar. Absorvemos estas informações e desenvolvemos um obstáculo sobre a ambientação da sala de aula, mas posteriormente chegamos à conclusão que para quebrarmos este bloqueio teríamos que rever nossos métodos de ensino e como repassaríamos nosso conhecimento para os alunos de forma clara, sucinta e objetiva.

Quando se iniciou o momento de ida a escola, o Colégio Estadual de Campo Mourão-PR cedeu uma turma para aplicarmos o estágio durante o período de um mês com cinco aulas semanais. A turma adotada era uma turma pequena, com aproximadamente 25 alunos matriculados, contando com alunos mais “comportados” devido ao baixo número de pessoas,

mas com a sala pecando muito em relação ao interesse com a disciplina de matemática, o que frustrou ambos os estagiários.

Esta frustração fez sentirmo-nos muito mal e naquele momento percebemos o quanto estávamos despreparados. Não quanto ao conteúdo, pois sabíamos o que estávamos ensinando, mas não tínhamos ideia de como fazer para que os alunos entendessem, talvez pela falta de experiência, ou pelo nervosismo do primeiro contato. Mas não deixamos nos abalar, pois ainda persistíamos em nossas boas expectativas. O fato de o estágio ser realizado em dupla contribui muito com quem está começando nesta profissão, pois permite uma aproximação com os alunos, um atendimento mais individualizado, de carteira em carteira no momento em que surgem as dúvidas, e até mesmo na preparação e aplicação das atividades.

Mas, como dissemos, a falta de interesse chamou muito a atenção desde o primeiro dia, quando ainda estávamos só observando. Concluímos que a expressão “falar para as paredes” era uma realidade quando o professor explicava o conteúdo. Os celulares não saíam das mãos dos alunos, muitos com fones de ouvido, sem sequer abrir o caderno para copiar o que o professor estava passando no quadro. Os discentes só se interessavam quando o professor passava um trabalho valendo nota ou dizia que iria atribuir uma nota caso as atividades estivessem resolvidas nos cadernos até o fim da aula. Mesmo assim, o interesse era bem pequeno.

Dentro da sala de aula, notava-se que alguns alunos possuíam um raciocínio lógico mais apurado que os outros, mas o desinteresse realmente pairava sobre a sala. Passávamos boa parte da aula pedindo para que abrissem os cadernos, que copiassem as atividades, que resolvessem, mas com poucos adiantava.

Outro fator que influenciou no andamento das atividades e também chamou a nossa atenção foi a falta do conhecimento de conteúdos de anos anteriores. Eram alunos de nono ano que não sabiam resolver equações, confundiam as operações básicas como potência com multiplicação e não sabiam sequer a tabuada. O que dificultou muito, pois estes conhecimentos eram necessários para o desenvolvimento das aulas.

Isto ficou claro durante uma situação que aconteceu com os dois estagiários, porém em momentos distintos. Durante uma aula, estávamos ajudando um aluno a resolver um exercício em sua carteira e perguntamos para o aluno o resultado de uma operação de multiplicação, e o aluno não sabia responder. Para os estagiários, este foi um episódio muito marcante, pois não

encontrávamos uma forma de explicar uma coisa que nós julgávamos ser tão simples. Então, utilizamos variadas estratégias, mas nada fora efetivo. Naquele momento, nos sentimos de mãos atadas. Julgávamos como algo tão simples que não conseguíamos acreditar que o aluno não sabia responder e nós não sabíamos explicar.

Outra situação marcante foi num dia de muito calor, o ar condicionado da sala estava ligado, e um dos autores passava junto a carteira de um aluno. Este aluno iniciou um diálogo com o estagiário comentando o quanto estava calor naquele dia. Então, este olhou pela janela e viu alguns operários trabalhando sob o sol próximo a escola, e pediu para que o aluno também observasse a cena com o objetivo de mostrar a ele a dificuldade daqueles trabalhadores e que caso estudasse poderia conseguir uma profissão diferente para evitar tal dificuldade. Não sabemos se esse episódio fez sentido para o estudante, mas para o estagiário fora muito importante, pois compreendemos que ser professor vai muito além de ensinar um conteúdo. Ser professor é semear na esperança de colher bons frutos.

Tínhamos um grande desafio em fazer com que a matéria se tornasse mais leve, de fácil adaptação e compreensão dos alunos, e com o auxílio de nosso orientador tentamos elaborar atividades mais dinâmicas para facilitar o aprendizado dos alunos, saindo do ensino tradicional de quadro-caderno-caneta utilizado até então. Chegamos a elaborar uma atividade no software Geogebra e a turma pareceu se interessar mais pela disciplina, pois o fato do aluno poder “manipular” algo que era antes abstrato torna o conteúdo mais fascinante.

Percebemos que no decorrer das aulas a turma começou a se soltar e interagir conosco, de forma a participar e questionar mais, nos forçando a procurarmos diferentes explicações para sanar as dúvidas que surgiam. Notamos que o perfil da sala começou a se alterar. Aquela imagem de que a turma era por um todo desinteressada não se encaixava totalmente, e alguns alunos relataram que melhoraram o convívio entre a própria sala e com os demais professores. Esta mudança pode ficar registrada no momento em que os estagiários começaram a trabalhar o conteúdo de Teorema de Pitágoras no triângulo retângulo. Após explicar o conteúdo para a sala, aplicamos alguns exercícios de fixação de conteúdo, o que nos levou a um evento que nos surpreendeu.

Durante o tempo de resolução dos exercícios, um aluno nos abordou em sua carteira e relatou que conseguiu desenvolver um algoritmo diferente para calcular as medidas dos lados de um triângulo retângulo sem utilizar o Teorema de Pitágoras. Segundo ele, o cálculo se dava

pela soma da medida do cateto menor com a metade da medida do cateto maior do triângulo retângulo, e este resultado seria igual ao valor da medida da hipotenusa do triângulo em questão. Isto evidentemente tornaria mais fácil os cálculos, pois se extinguiria o uso de propriedades da potenciação.

Ao terminar sua explicação sobre o método, verificamos que realmente acontecia nos exercícios que tínhamos deixado. Para evitar que o aluno criasse um modelo, os autores indagaram o aluno se isso acontecia com todos os triângulos, e assim os estagiários desenharam um triângulo que seu procedimento não funcionava, e o aluno então concluiu que não era para todo triângulo retângulo que acontecia este algoritmo. Na aula seguinte, chegamos na sala e divulgamos para todos a estratégia do aluno, tomando cuidado para os alunos não criarem uma imagem que este modelo iria funcionar para qualquer triângulo retângulo, onde explanamos que este algoritmo somente acontecia com triângulos proporcionais ao triângulo Pitagórico 3-4-5.

Ao final do período de estágio, obtemos uma pequena experiência em sala de aula. Não podemos concluir que o estágio foi uma experiência decisiva para nossas carreiras. Não foi durante o período de regência que nos enxergamos professores, mas também não foi nela que desistimos completamente da ideia. O que ficou deste momento foram as experiências ímpares, as observações e as tentativas.

Hoje, não possuímos as mesmas convicções e as mesmas determinações que desenvolvemos quando entramos na faculdade em sermos professores. Não devido a regência, mas por tudo que aconteceu em nossas vidas, pois muitas coisas mudaram nas questões individuais e profissionais, além de toda a turbulência que o serviço educacional do estado do Paraná passa. Temos vontade de nos tornarmos professores, pois acima de tudo, acreditamos na educação e compreendemos sua importância. Em contrapartida, não são poucos os fatores que influenciam para fazer os autores pensarem em outros caminhos. Já não temos certeza do caminho que vamos seguir.

4. Considerações Finais

Independente da escolha profissional que fizemos ao final do curso, seja por sermos professores ou não, podemos com certeza afirmar que tudo o que vivemos em sala de aula no período do estágio será levado em conta. Afinal, como já mencionado, foi o nosso primeiro

contato, a primeira oportunidade de estar no ambiente escolar com a responsabilidade de desenvolver o conhecimento.

Podemos notar que a tarefa docente não é nada simples, que os desafios são muitos e diários, e que vão muito além de como ensinar. Ser professor é estar comprometido com a formação como um todo, de cada aluno, respeitando as suas diferenças.

O estágio supervisionado não tem a capacidade de, por si só, realizar a inserção do futuro professor na realidade da profissão, não tem a eficiência de ensinar ao acadêmico a lidar com os problemas que encontrará na sala de aula, e tão pouco fornecer experiências suficientes para levar o estagiário a desistir ou definir ser professor. Mas, definitivamente, é o primeiro passo na formação de um professor mais consciente do seu papel na aprendizagem do aluno.

Enfim, com o estágio supervisionado podemos experimentar, refletir, conviver, conhecer uma nova realidade e principalmente aprender. Aprender com os professores da faculdade, os professores do ensino básico, com o colega de estágio e principalmente com os alunos. Um saber único que levaremos conosco por toda a vida.

5. Agradecimentos

Agradecemos nossos familiares, colegas de curso e a todos que contribuíram para a construção deste relato; ao Colégio Estadual de Campo Mourão, desde seu corpo docente, em especial ao professor Vanderson de Aquino Schuenck, e aos alunos, que acolheram e forneceram experiências ímpares durante o período de estágio, além dos professores do colegiado de Matemática da UNESPAR – Campus Campo Mourão, em especial aos professores Willian Bellini e Amauri Jersi Ceolim, pelo suporte, direções e compartilhamentos de conhecimentos e demonstrações de sabedoria durante o período de regência e na construção deste relato.

6. Referências

BALTAZAR, L. H.; OLIVEIRA, I. C. M.; BELINE, W. (Org.) **Formação Inicial de Professores de Matemática na Educação Básica: um trabalho em imersão via tarefas investigativas e resolução de problemas**. União da Vitória: Kayganguê, 2014, p. 165-180.

BORSSOI, B. L., O estágio na formação docente: da teoria à prática, ação-reflexão. **Simpósio Nacional De Educação; Semana Da Pedagogia**, v. 20, 2008. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2028.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016

BRASIL, Lei nº 11.788, 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professoras da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena**. CNE/CP 1, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2016.

FECILCAM, **Regulamento de estágio curricular do curso de Matemática**, 2009. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/index.php?option=com_content&task=view&id=301&Itemid=132>. Acesso em: 01 fev. 2016.

FIORENTINI, D.; CASTRO, F.C., Tornando-se professor de matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In: FIORENTINI, D. (Org.). **Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 121-156, 2003.

GAERTNER, R.; OECHSLER, V., Prática de ensino e estágio supervisionado na formação do professor de matemática. **Revemat: revista eletrônica de educação matemática**, v. 4, n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2009v4n1p67>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

JANUÁRIO, G., O estágio supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor, **Seminário de história e investigações de/em aulas de matemática**, p. 1-8, 2008.

LIMA, M. S. L., Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Rev. Diálogo Educ**, v. 8, p. 195-205, 2008. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=1836>. Acesso em: 21 jan. 2016.

LINHARES, P. C. A. et al., A importância da escola, aluno, estágio supervisionado e todo o processo educacional na formação inicial do professor. **Revista Terceiro Incluído**, v. 4, n. 2, p. 115-127, 2014.

MANRIQUE, A. L.; LÜDKE, M., O Estágio em cursos de Licenciatura: Que Reflexão? Que Conhecimentos. **VII Seminário Redestrado–Nuevas regulaciones en América Latina**. Buenos Aires, p. 1-19, 2008.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G., Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 3-20, 2010.

ROCHA, C. A.; BELINE, W. (Org.) **Educação Matemática, tecnologia e formação de professores**: algumas reflexões. Campo Mourão: Fecilcam, 2010, p. 59-84.

TEIXEIRA, B. R., **Registros escritos na formação inicial de professores de Matemática: uma análise sobre a elaboração do Relatório de Estágio Supervisionado**. 94 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mecem/pdf/Dissertacoes/bruno_teixeira_texto.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2015.

TEIXEIRA, B. R.; CYRINO, M. C. C. T., O estágio supervisionado em cursos de licenciatura em Matemática: um panorama de pesquisas brasileiras-Supervised internship in mathematics: a view of brazilian researches. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 15, 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/viewFile/13048/pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2015.